

POVO ALGARVIO



SEMANÁRIO REGIONALISTA — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: MANUEL VIRGÍNIO PIRES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ≡ RUA DR. PARREIRA, 13 ≡ TELEFONE 127 ≡ TAVIRA ≡ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ≡ TIPOGRAFIA «POVO ALGARVIO» ≡ TELEF. 266 ≡ TAVIRA

O ALGARVE VISTO PELAS CRIANÇAS

Regulamento Geral

Artigo 1.º — O Concurso é extensivo a todas as crianças que não excedam os 14 anos de idade à data da sua realização.

Art. 2.º — As crianças podem escolher os assuntos dos seus trabalhos, individuais ou colectivos, com inteira liberdade.

Art. 3.º — São admitidos trabalhos em:

- a) Prosa (conto, novela e crónica)
- b) Poesia (poemeta e quadra popular)
- c) Desenho e Pintura
- d) Papéis recortados
- e) Artesanato

§ 1.º — Os trabalhos em prosa e em verso devem ser curtos, manuscritos ou dactilografados, escritos apenas de um lado do papel.

§ 2.º — Os trabalhos de desenho e Pintura devem ter a medida mínima de 30 x 20 cms.

§ 3.º — Os trabalhos de Papéis Recortados devem ser sempre colados a um fundo, liso ou de fantasia, e armados de modo a manter segurança.

§ 4.º — Nos trabalhos de artesanato podem utilizar-se todos os materiais que os seus autores necessitem.

Art. 4.º — Os trabalhos devem indicar sempre o nome, a idade e a morada do autor ou dos autores. Se as crianças pertencerem a colégios, liceus ou escolas, devem indicar igualmente o nome do estabelecimento que frequentam.

Art. 5.º — Os trabalhos para o Concurso serão aceites até ao dia 30 de Novembro podendo a entrega ser feita pessoalmente ou pelo correio, e devem ter a indicação seguinte: «O

(Continua na 2.ª página)



IX Grande Prémio da Canção - 1972

TAL como nos anos anteriores, a Radiotevisão Portuguesa vai organizar o concurso nacional denominado IX Grande Prémio da Canção-1972.

A transmissão do «Grande Prémio» far-se-á em 24 de Fevereiro de 1972.

O objectivo principal deste concurso é o de estimular a produção nacional de canções e incentivar o aparecimento de novos compositores e autores.

(Continua na 2.ª página)

TROVA

Na gare, não vi ninguém,
A partida e mesmo assim,
Trouxe saudades de alguém
Que tem saudades de mim.

V. P.

(Continua na 2.ª página)

Recordar é Viver!

FOI com uma sentida alegria que voltei a Tavira depois de haver estado, dois anos em terras de Moçambique, para abraçar os bons amigos que conquistei, durante os oito anos que ali estive.

E as felicitações não tiveram fim e desde a figura amiga do Director deste Jornal, passando pelos amigos Barqueira, sr. Jesus, Dr. Moraes Simão, Casa Brasil, casas Mealha e Serrenho, sr. Sebastião, Sr. Santos e duma maneira geral todos os Amigos das casas comerciais até ao Mercado e até mesmo neste

POR JOSÉ REBELO

Mercado, todos foram unânimes em se mostrarem contentes pelo meu regresso daquelas terras, onde os macondes, mandados pelos chineses e russos nos obrigam a uma guerra que nós não queremos e nem a ela demos origem.

Estivemos também no Banco Nacional Ultramarino, e depois na Câmara Municipal onde fomos cumprimentar aqueles bons Amigos e que no tempo que estivemos como comandante da Secção de G. N. R. ali íamos quase dia a dia pedir que nos fossem feitas obras no Posto, para que este fosse sempre bem visto pelos Comandos quando o visitavam. Tivemos pena de não havermos falado com o maior tavirense do meu tempo, ou seja o sr. Dr. Jorge Correia, mas fomos informados pelo seu pai, o nosso camarada tenente José Augusto Correia, que havia ido a Lisboa. Encontrei ainda outros nossos Amigos bem como várias senhoras que se mostraram satisfeitas com o meu regresso. Como não podia deixar de ser estivemos também no cemitério em oração pelos Amigos que já deixaram este Mundo.

Fomos também até Vila Real de Santo António, onde falamos com o Dr. Vargas e com o chefe de Secretaria da Câmara. Ainda em Setúbal, antes portanto da nossa partida para o Algarve tivemos o prazer de falar

(Continua na 2.ª página)

UM TAVIRENSE ACHOU UMA CARTEIRA COM 80 CONTOS E ENTREGOU-A AO DONO

Conforme a grande Imprensa deu relato, o sr. Fernando Maurício Pires Faleiro, de 45 anos, natural de Tavira e residente em Monte Gordo, empregado numa bomba de gasolina, encontrou uma carteira com cerca de 80 contos. Ao achar a carteira no jardim de Monte Gordo dirigiu-se aos cafés para ver se encontrava alguém afilivo e como nada visse, voltou de novo ao jardim esperando que quem a tivesse perdido se dirigisse àquele local. Assim aconteceu. Notou que um casal inglês afilivo procurava por qualquer objecto perdido, prontificando-se logo a entregar a carteira tendo sido gratificado com 100\$00.

Será bom anotar que o tavirense, segundo os jornais relataram, tem o vencimento diário de 40\$00. Satisfaz-nos registar tamanho gesto de honradez de um tavirense.

Se o mundo fosse todo assim.

São Bartolomeu de Messines

Os Vogais eleitos da Junta de Freguesia foram recebidos pelo Presidente da Câmara

O sr. Presidente da Câmara Municipal do concelho de Silves, sr. Salvador Vilarinho, recebeu no seu Gabinete os vogais eleitos da Junta de Freguesia de São Bartolomeu de Messines, que ali se deslocaram a fim de lhe apresentarem cumprimentos e oferecer toda a sua colaboração a bem da freguesia que os elegeram e do concelho a que pertencem. O senhor presidente da Câmara agradeceu os cumprimentos e esclareceu que dentro das possibilidades do município tudo faria para bem de Messines e do seu povo. Estiveram presentes os vogais eleitos pela lista B srs. Francisco Vargas Mogo, Joaquim Manuel Cabrita Neto, Eugénio António dos Santos Guerreiro (efectivos) e Fernando Rosa Candeias e Artur Coelho Quirino (suplentes). A reunião decorreu com a maior cordialidade e os messinenses muito esperam do espírito de colaboração e entendimento que irão existir entre a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia.

O Sítio da Nazaré

SEIS horas da tarde! O Sol esconde-se por detrás do azul-turquesa das águas do oceano. Na poalha húmida e luminosa, vislumbrom-se toldos, quais esqueletos plantados na areia da praia. Os barcos encahalhados, repousam da faina piscatória.

Em roda, assentadas na areia, grupos de mulheres cochicham e segredam bisbilhotices. Um pouco afastados, os homens, de calças de flanela aos quadrados, cosem as redes. O pescador da Nazaré é leal, trabalhador e prestável. Gosta de conversar com os visitantes e tem orgulho em usar a barba hirsuta.

(Continua na 2.ª página)

Em Linha Recta

ENQUANTO a ideia de uma universidade no Algarve martela na imaginação de muita gente, a juventude algarvia estuda e trabalha com os olhos postos no futuro. Há mesmo quem ande na vanguarda de iniciativas que têm merecido rasgados elogios das entidades oficiais.

Soubemos, há dias, que o finalista do curso de Direito, Dr. João António Fazenda, prepara um Concurso de Fotografia a nível nacional para universitários. Um algarvio que tem dedicado muito do seu tempo de estudante ao jornalismo (faz parte do corpo redactorial da revista «Rumo» e do jornal universitário «O Tempo») preside agora à organização de tão válida manifestação cultural.

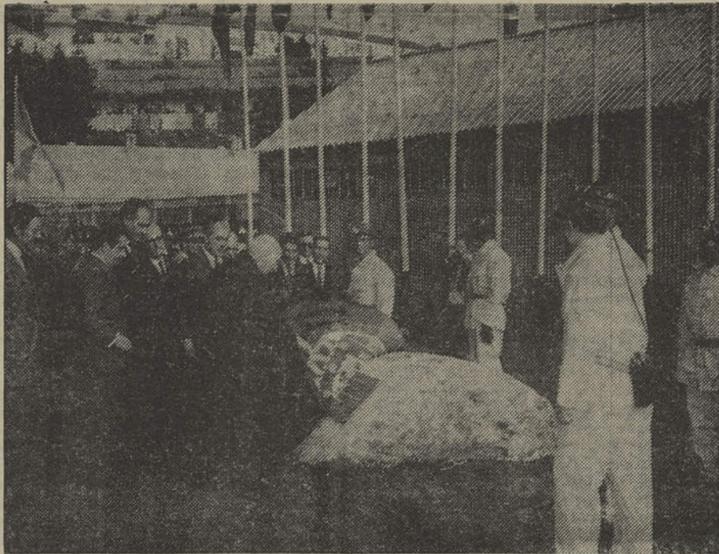
Parabéns, João Fazenda! Esse é o melhor meio de coroares de êxito a tua vocação para a fotografia artística. Não desanimes aos primeiros obstáculos! Os jovens como tu, têm o dever de enfrentar a realidade, de renovar e dinamizar muito coisa que se arrasta nesta monotonia.

★

Chegou o momento da cidade de Faro e toda a província manifestaram a sua gratidão para com um ilustre benemérito algarvio.

Sambrazense de ténpera, republicano convicto, médico consciencioso e competente, o Dr. João Silva Nobre protegeu toda a sua vida os pobres. Durante muitos anos não cobrou mais de dez escudos pelas consultas. Recebeu sempre todos de braços abertos e jamais negou assistência a quem lhe solicitava. Para as gerações do futuro o relembrarem, vai ser erguido no Largo de Bouzela, mesmo em frente da casa onde residiu, um busto.

(Continua na 2.ª página)



Descerramento da placa comemorativa da visita do Chefe do Estado às minas da Panasqueira

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social tem posto o melhor do seu esforço e possibilidades na defesa da Língua Pátria, agindo, sobretudo

(Continua na 2.ª página)

O 5.º Centenário de Moncarapacho

Discurso pronunciado pelo Sr. Dr. José Fernandes Mascarenhas na abertura das Comemorações

Excelentíssimo Senhor Governador Civil do Distrito de Faro
Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo do Algarve
Excelentíssimas autoridades distritais e concelhias
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Dignaram-se V. Ex.ª deslocar-se a Moncarapacho para tomar parte nas solenidades do 5.º centenário da fundação desta freguesia, acontecimento verificado em 19 de Junho do ano de 1471.

A vossa honrosa presença é a prova evidente do muito interesse registado pela iniciativa, a um tempo cívica, religiosa e cultural.

Simplex lugar nessa data já distante, Moncarapacho é muito antigo, pois o seu nome já nos aparece no reinado de El-Rei D. Fernando I, em 1368, precisamente com a grafia actual.

Por esta freguesia passaram, como prova a arqueologia os povos mais variados, desde os romanos e gregos aos visigodos e árabes, sem falarmos

já dos povos do período pré-histórico, dos quais existem também vestígios evidentes.

Mesmo junto à aldeia, foi descoberta há anos uma extensa necrópole de características visigóticas, o que pro-

(Continua na 3.ª página)

Torneio Internacional de Vale do Lobo

Com o patrocínio da Comissão Regional de Turismo do Algarve, da Federação Portuguesa de Lawn Tennis, Empresa Turística de Vale do Lobo do Algarve realiza-se, conforme noticiámos, de 18 a 21 do corrente, no Hotel D. Filipa, o Torneio Internacional de Vale do Lobo.

CONVERSA DA SEMANA

TAVIRA viu enfim consumado um dos seus velhos sonhos, a criação de um liceu na cidade.

Há mais de trinta anos que neste jornal se debatia esse problema, quando tanto se falava

O Curso Liceal em Tavira

na criação de liceus municipais, que eram criados a expensas dos municípios, como aconteceu na cidade de Portimão e em tantas outras por esse País fora e que mais tarde se transformaram em liceus nacionais.

Continua na 3.ª página

Noticias Pessoais

Fizeram anos:

Em 30 — D. Carolina Maria Araújo Dias, D. Isabel dos Santos Estevens e o menino Carlos Miguel da Luz Peres.
Em 31 — D. Maria Suzela Quintino Dias, D. Maria Manuela Galvão Cansado e menina Paula Cristina Mendes Romeira.

Em 1 — D. Maria José Horta Ramos Rodrigues e os srs. Eduardo dos Santos Ramos e Felício António dos Santos.

Em 2 — D. Maria Isabel Correia, D. Maria Odete Pilar Ramos do Carmo e o menino Jorge Eduardo das Chagas.

Em 3 — Dr. D. Maria Ana Faleiro Magalhães Palma Rodeia e os srs. António Pacheco de Mendonça e Fernando José dos Santos.

Em 4 — D. Lúcia do Nascimento Leiria, D. Júlia dos Santos, D. Maria dos Anjos Magro Caetano Gonçalves, sr. Idalécio Costa Martins e a menina Maria Margarida Galvão Cansado.

Em 5 — D. Maria Isabel B. Olímpio, sr. Dr. Rui João Aboim de Faria Pereira e as meninas Rita Maria Fernandes Correia e Isabel Maria Bernardo Pimpão.

Fazem Anos:

Hoje — D. Maria Leonarda Vaz Figueiredo e os srs. Casimiro Eduardo dos Santos e Carlos Alberto Leiria Ambrósio.

Em 7 — D. Celestina Lucinda Vaz Figueiredo, D. Maria José Brito Gago Cansado, D. Marília Mendonça Coelho da Palma Passos Valente, srs. Sebastião Artur Santana, António Tomás Viegas Pires e os meninos Carlos Alberto Trindade Madeira Gomes, Joaquim de Oliveira Madeira e António Manuel Carvalho Bispo.

Em 8 — D. Maria Cândida Entrudo Viegas e D. Maria Sábina da Conceição Costa, sr. Joaquim Jerónimo de Almeida e meninas Maria José dos Mártires e Maria Irene das Candeias.

Em 9 — D. Maria das Candeias Lopes da Cruz, D. Fernanda Falcão Trindade de Carvalho Cerqueira, D. Maria Fernanda Baptista Amendoeira e o menino João Cavaco de Jesus.

Em 10 — D. Maria da Conceição Barão Pacheco, sr. Dr. Alfredo Marques Teixeira de Azevedo e o menino Aires Manuel Mendonça da Silva.

Em 11 — Sr. Agostinho José Gomes Peres.

Em 12 — D. Aurea Lídia Tavares Santo, D. Maria Cristina Teixeira Tello Polleri, D. Maria José Puça do Nascimento, sr. Júlio Pereira Machado e o menino Luis Fernando Baptista da Horta.

O ALGARVE visto pelas crianças

(Continuação da 1.ª página)

ALGARVE VISTO PELAS CRIANÇAS — Comissão Regional de Turismo do Algarve — Rua da Misericórdia, 8-12 — FARO.

Art. 6.º — A escolha dos trabalhos para classificação final não se faz pela riqueza dos materiais empregados mas, sim, atendendo principalmente à revelação da sensibilidade e da intuição artística dos seus autores.

§ 1.º — A classificação será feita por um Júri presidido pelo Director-Geral da Cultura Popular e Espectáculos, ou por um seu representante, e por especialistas de educação infantil, a designar oportunamente.

Art. 7.º — Serão atribuídos 3 prémios, constituídos por material didáctico, em cada um dos seguintes escalões de idade:

- dos 3 aos 7 anos
- dos 8 aos 10 anos
- dos 11 aos 14 anos

§ 1.º — Se o Júri assim o entender poderão ser também atribuídas Menções Honrosas. Haverá um Prémio Especial para o estabelecimento de ensino que apresentar o melhor conjunto de obras expostas.

§ 2.º — Os trabalhos premiados ficarão propriedade do Serviço de Festivais.

Art. 8.º — Todos os trabalhos seleccionados pelo Júri serão apresentados em Exposição aberta ao público num dos salões da Escola Industrial e Comercial de Faro, podendo ser depois repetida em qualquer outro local.

NOTA FINAL — Dão-se todos os esclarecimentos na COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE — Rua da Misericórdia, 8-12 — Faro (Telefones 2406, 24088 e 23637).

Recordar é Viver!

(Continuação da 1.ª página)

com o Dr. José Correia, agora a desempenhar um lugar de destaque no meio político algarvio.

Que me perdoem aqueles Amigos a quem falei e cujos nomes aqui não cito, mas a minha memória já vai falhando um bocadinho! E' da idade!

De resto o meu coração continua com os tavrineses. Alguns procuravam-se eu não voltava, e outros porque não tentava. Mas, como a vida não pode parar, a nossa por agora será numa Repartição em Lisboa e vivendo em Setúbal, onde os tavrineses terão sempre bom acolhimento.

Gostei de ver a cidade e bem assim as obras que vão nascendo na Horta de El-Rei. Que Deus ajude sempre o Homem que tornou viável as construções nessa Horta.

Como o Mundo é pequeno, em Lourenço Marques tivemos o prazer de falar com o irmão do Comandante dos Bombeiros de Tavira, o nosso bom amigo José Filipe. Estivemos com ele batendo papo no café Escala e até por acaso compramos a um africano um trabalho gentilício que aquele andava a vender pela cidade. Foi por aquele tavrinese que tivemos conhecimento que o nosso amigo Victorino do Café Arcada havia estado naquela grande cidade laurentina.

Foi pois com o coração a transbordar de alegria que deixamos a cidade de Tavira depois de termos abraçado os Bons Amigos que ali criamos durante os anos de 1960 a 1968.

Para falarmos de nós, apenas um pouco, diremos que estivemos dois anos em Moçambique. Um na zona de guerra, em Macomia, Cabo Delgado, onde se luta pela integridade da Pátria. Da minha companhia lá tombaram dois valentes soldados, que as minas colocadas pelos turcos e ofertadas pelos russos e chineses, quiseram levar, para que a cor da Bandeira, ou seja o vermelho, seja mais colorido com o sangue desses heróis!

Depois desse ano, nessas terras quentes dos macondes, descemos para 130 quilómetros de Nampula, em Ribané. Ali o pessoal sossegou um pouco os seus nervos cansados do viver do dia a dia na zona do arame farpado e pelas constantes emboscadas e minas que eram colocadas nas picadas (estradas) e por onde se tem que passar para abastecer, não só as tropas que estão nos pontos-chaves, mas também, para que a vida nas cidades afastadas da guerra, possa continuar e nalgumas nem sequer se deseja saber como se luta no Norte da Província.

Graças a Deus e aos valentes soldados da nossa terra, os macondes, não tem em seu poder qualquer pedaço de território moçambicano. Estão hoje aqui, e ao serem atacados pelos nossos soldados, abandonam toneladas de material e vão instalar-se numa zona mais distante, até que os nossos combatentes os obriguem a debandar. Assim todos podem estar certos que Portugal ultramarino que é nosso há imensos anos, há-de continuar a sê-lo, digam lá o que fizerem os inimigos da Pátria.

Quanto a nós, fomos louvados pelo General Comandante da Região Militar, proposto para a medalha de mérito de terceira classe e condecorado com a medalha de ouro de comportamento exemplar. A nossa missão não era de combatente mas activar os homens que tinham que fazer movimentar a guerra e desde os condutores autos, mecânicos, electricistas, cozinheiros, padeiros, telegrafistas e outros serviços afins, tudo funcionou o melhor possível por forma a que não houvesse falhas.

E por último fizemos teatro em Ribané, em lufala e fomos ao Hospital de Nampula ofertar uma recita aos

Pequenos Apontamentos

(Continuação da 4.ª página)

dores: era o menino que já tinha levado o canto do pão do acerto do peso; que parte dele já tinha ido lá para dentro, etc. De tal modo se convenceu o bravo oficial que era inútil o seu esforço, que era um remar contra a maré, que desiludido exclamou: «povo que quer ser roubado, deixai que o roubem».

Num talho assistimos à prevenção angustiada de uma freguesia ao dono: «Senhor Joaquim, olhe que eles andam aí». Eles eram os fiscais e ele devia acautelar-se agora para continuar com a fraude depois.

A uma mulher de precárias condições económicas ouvimos esta justificação: «se não fizerem assim não se governam». E para nos distrairmos, que isto não vai a matar, contemos o que vimos em certa ocasião na vila pequenina há já muitos anos:

Uma mulher que tinha o marido empregado em Vila Real de Santo António resolveu de acordo com ele fazer o negócio da venda de carvão. Comprou uma porção dele e porque sabia que assim se fazia, mas a ocultar, estendeu-o na plataforma do antigo cais e vá de regá-lo com a água que tirava do rio aos baldes.

Era uma negociante ingénua e incipiente. Veio a Guarda e porque assim o reconheceu mandou-a recolher o carvão e que fosse para casa. E' dos ingénuos o reino dos eleitos.

Trindade e Lima

bravos que ali estão internados em busca da cura para os males que lhe são infligidos por aqueles que obedecem aos senhores que apregoam a paz, a todo o instante, mas que fornecem toneladas de material para destruir e matar não só brancos como negros. Para terminar esta nossa já longa crónica diremos ainda que ali deixamos plantadas por nós, duzentas e cinquenta bananeiras, umas trezentas plantas de ananazes e cerca de duzentas e sessenta papacivas. E a quem nos procurava porque fazíamos tal, logo respondíamos que se todos os que passam por Africa, fizessem plantações ela seria mais rica e o natural mais teria que comer.

Não desejo terminar este nosso agradecimento sem nos mostrarmos gratos igualmente com a família Canau da Conceição de Tavira e com o nosso bom amigo sr. Edmundo, da Churrasqueira do Livramento, que fez o favor de nos albergar na sua bela palhota, sem nos levar fosse o que fosse.

Que Deus continue pois a proteger todos os tavrineses, são os nossos ardentes votos.

Setúbal - Outubro - 1971

José Rebelo

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

(Continuação da 1.ª página)

como catalizadora do generalizado anseio dos cidadãos que em Portugal sofrem com o desamparo a que está votado o idioma e reclamam medidas urgentes para salvá-lo das mãos dos carrascos.

A publicação da conferência que, subordinada ao tema «Esplendores e Sombras na Língua Portuguesa», o sr. Dr. José Pinto Carneiro realizou em 12-2-71 na Tribuna da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, é mais um passo que esta Instituição pretende dar para que sejam acautelados, com a adopção de rigorosos normativos legais, os direitos incontestáveis da língua-mater. Tal como António Sérgio, «consideremos responsável da intranquilidade pública quem quer que não busca corporizar a ordem — a exactidão, a probidade — na frase que diz ou na prosa que escreve».

A presente publicação, integrada na série de cadernos culturais e doutrinários da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, representa novo esforço em prol da dignificação do idioma de todos nós. E dizemos novo, porque é um trabalho mais a acrescentar, entre outros, aos seguintes: «O Ensino da Gramática», pelo Dr. Rodrigo de Sá Nogueira; «A Profilaxia da Língua Portuguesa», pela Dr.ª D. Carlota de Almeida Carvalho; «Linguagem, Psicologia e Ética», pelo Dr. Mário Gonçalves Viana; «Estrangeirismos e Cálao», pelo Dr. Salvador Martins; «Defesa da Língua, Património Nacional», por Belmiro Martins de Assis; «Palavra Puxa Palavra», por Adolfo Simões Muller; «Língua, Pátria, Ordem», pelo prof. Dr. Carlos Eduardo Soveral; «Crítica Etimológica», pelo Dr. Rodrigo de Sá Nogueira; «A Língua, Espelho do Povo», pelo Rev.º Dr. Eduardo Henrique Moreira; «Defendamos a nossa Língua», pelo Dr. José Pereira Tavares; «Estética da Língua Portuguesa», pelo Rev.º Pe. Abel Guerra; «O Respeito Devido à Língua Pátria», pela L. P. P. S.; e «Há que Defender a Língua Portuguesa», pela L. P. P. S.

Oxalá que todos quantos têm por missão irrecusável velar pela defesa do património colectivo se resolvam a encarar, com presteza e amplitude, as medidas que se impõem para preservar da ruína a nobre Língua Portuguesa, cujos esplendores e sombras o sr. Dr. José Pinto Carneiro magistralmente aponta no trabalho que, para conveniente divulgação, a Liga Portuguesa de Profilaxia Social julgou dever publicar.



Hilda de Campos Cansado

Jaime Pires Cansado

Seus filhos, noras e netos mandam celebrar missa na sua terra natal, às 18 horas no dia 8 de Novembro, na Igreja de S. Tiago.

Em Lisboa a missa será celebrada no dia 8 de Novembro às 12,45 na Basílica da Estrela.

A quantos desejem nesse dia recordá-los, em especial orando pelo seu eterno descanso, a família agradece reconhecida.

IX Grande Prémio da Canção-1972

(Continuação da 1.ª página)

Podem concorrer sob pseudónimo, todos os compositores e autores portugueses do Continente, Ilhas e Ultramar, que deverão entregar os seus originais na Secretaria de Programas da RTP, Alameda das Linhas de Torres, 95-1.º Esq., em Lisboa, até às 18.30 horas do dia 10 de Dezembro de 1971.

Um Júri de Seleção apreciará, de 13 de Dezembro de 1971 a 7 de Janeiro de 1972, as canções concorrentes, seleccionando um máximo de 12 que serão apresentadas publicamente.

Na transmissão do dia 24 de Fevereiro de 1972, que poderá revestir a forma de um espectáculo público um Júri Nacional escolherá a melhor das canções seleccionadas.

O Júri Nacional será constituído pelos 10 membros do Júri de Seleção e por mais 36 pessoas representando os distritos do Continente (2 por distrito).

Cada membro do Júri disporá de dez votos que atribuirá à canção ou canções que entenda dever distinguir.

Os interessados podem obter todas as informações acerca do Regulamento deste «Grande Prémio» na Secretaria de Programas ou na Divisão de Relações Exteriores da R.T.P., Alameda das Linhas de Torres, 95, em Lisboa.

Em Linha Recta

(Continuação da 1.ª página)

A vida do Dr. Nobre, a dedicação aos doentes pobres, a sua integridade de carácter constituem para nós um exemplo? A população farene ao contribuir com a sua cota para este monumento cumpriu um dever, saldou uma dívida, que estava em aberto desde a morte do saudoso escultor.

*

Lemos algures, certa história passada com o famoso cómico inglês Bernard Shaw. Encontrando, um dia um amigo, este convidou-o a ir a sua casa para lhe pedir uma opinião sobre uma peça de teatro que acabava de escrever. Chegados lá, o outro foi procurar a composição que tinha deixado na mesa de trabalho. Não a encontrou porque o filho, criança de três anos, a tinha rasgado em pedacinhos, na brincadeira. Pesaroso, contou o sucedido a Bernard Shaw e pediu-lhe desculpa por o ter incomodado: Então, surpreendido, Bernard perguntou-lhe:

— O pequeno já sabe ler?

Esta pequena historietta, cheia de ironia, vem a propósito da medioeridade de certa poesia que nos últimos tempos tem vindo a aparecer nos escaparates das grandes editoras. Acreditamos na poesia moderna porque possui algo de válido como a poesia de outras épocas e de outras escolas. Forçosamente ela tem de sofrer mutações acomodar-se aos desejos, às esperanças dos homens de hoje, mas também continuar a ser simples, verdadeiro transporte de uma mensagem que grite às multidões.

Por favor, não misturemos a verdadeira poesia moderna com certos poemas fanhosos que se impingem por aí. Não é poeta quem quer e a poesia não é competição. Não afine-mos pelo diapasão daqueles que dizem: «O vizinho faz poesia, eu também não posso deixar de escrever os meus poemas».

O poeta que é poeta, é por natureza humilde, não apregoa alto e bom som o seu talento, a sua arte. Pensamos que a poesia merece ser respeitada. Mutilada, será unicamente um conjunto de frases, sem nexo, sem beleza, acomodadas num papel, úteis para uma tentativa de comercialização.

Varela Pires

À ALDEIA DA CONCEIÇÃO

Minha aldeia sossegada
Tu mantens a tradição,
Tão branquinha, tão calada,
Aldeia da Conceição!

Ficas pertinho do mar,
Tens a serra por vizinha
E o lindo sol e o luar
Pelas tuas ruas caminha...

O verde que te rodela
De grandes e lindos pomares
Minha pequenina aldeia
Dá-me um pouco dos teus ares!

Quero-te alegre e garrida,
Confiante e diligente,
Trabalha para teres vida
Para eu ficar contente!

Eu gosto da tua Igreja
E quando lá vou rezar
Peço a Deus que te proteja
Para te ver aumentar!

Vestida de fato novo
Tens uma estação cuidada,
Uma rica Casa do Povo
E uma escola restaurada.

E para te dar grandeza
Trazes dentro do coração
Um grupo de graça e beleza!
O «Rancho da Conceição».

Vê-se por todos os lados
Louros e lindos trigais
Teus campos estão bem cuidados
E tens tantas coisas mais!

Aqui tens o meu amor
Aceita-o para teu bem,
Se queres que te dê valor
Dá-me o teu amor também!

Milinha

O Sítio da Nazaré

(Continuação da 1.ª página)

A mulher do pescador ajuda-o a vender o peixe percorrendo os arredores com a jiga à cabeça. E' muito religiosa e traja quase sempre de negro usando ainda as famosas sete saias.

Lá em cima, no sítio, está edificado o Santuário de Nossa Senhora da Nazaré. Uma grande escadaria dá acesso ao pórtico do templo. Dos lados, existem dois corredores com arcadas e no cimo, dois campanários de estilo barroco.

No interior, por cima do altar-mor, encontra-se um Oratório que encerra a verdadeira imagem, que ali foi encontrada por volta do ano de 1182. Aos pés da pequena imagem estão depositados cordões, brincos, medalhas de ouro e mais arrecadas oferecidas pelos devotos à Mãe de Deus.

Uma inscrição no pedestal da imagem reza assim:
Imagem de Nossa Senhora da Nazaré que trazida de Espanha no ano de 714, esteve escondida durante 468 anos nas rochas deste promontório e a partir de 1182, vem recebendo continuas homenagens da Alma Portuguesa.

Saudemo-la com todo o afecto de filhos!

Confiemos no seu poder de Rainha e no seu Amor de Mãe!

Para se ver de perto a imagem, será preciso entrar pela porta da sacristia e dar a volta ao altar-mor. Depois sobe-se umas escadas de ferro e aí estamos defronte do oratório.

Junto do Santuário encontra-se o Hospital da Nazaré, que foi construído no Sítio por ser ali que mora a maior parte dos pescadores.

No cabo do promontório rochoso encontra-se o forte de S. Sebastião da Nazaré. Até lá, por estrada, são uns bons 6 kms.

Da praia da Nazaré ao Sítio podemos ir de ascensor ou pela estrada que passa longe da praia.

Varela Pires

O «POVO ALGARVIO»
E O MAIS EXPRESSIVO
PORTA-VOZ DE TAVIRA

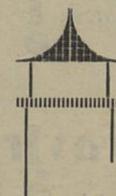
Este número foi visado pela
Delegação de Censura

Residencial Mirante

MARIA LUISA PILAR

Proprietária da «RESIDENCIAL MIRANTE»

Rua da Liberdade, 83 — Telefone 335 — TAVIRA



Participa aos seus Clientes que por motivo da sua ausência se encontra a mesma encerrada durante algum tempo.

O 5.º Centenário de Moncarapacho

(Continuação da 1.ª página)

va a antiguidade de um núcleo populacional que bem próximo dela teria existido, quiçá na área da própria aldeia.

Apesar de no decurso dos séculos muita coisa se ter transformado, há todavia elementos que já mais não deixam de exercer a sua acção. Entre eles temos a história, os costumes e a língua que falamos e rezamos.

Rezar sim, dizemos bem, pois esta freguesia foi desde o seu início embalada pela Igreja, isto é, sob as bênçãos maternas de Santa Maria da Graça, a sua excelsa Padroeira, que o Bispo de Silves D. João de Melo fundou, separando-a da de Santiago de Tavira.

Inicialmente para que a população pudesse praticar os sacramentos, evitando-se que muitos habitantes morressem sem eles, procuraram os homens bons de Moncarapacho que o

lugar tivesse templo próprio e respectivo capelão, nomeando para isso como seu procurador o Escudeiro Estevão Vaz que, no ano de 1453, se avistou com o prior de Santiago de Tavira, na altura o Cónego João Anes. Nesse encontro histórico foi celebrado um contrato reduzido a escritura, a qual foi aprovada em 1459, pelo Bispo de Silves D. Alvaro III.

Segundo ela passaram os habitantes de Moncarapacho a ter capelão que lhes administrasse alguns sacramentos, dando primeiro parte ao prior, ao mesmo tempo que ficavam com a obrigação de assistir à Missa da freguesia no Domingo de Ramos, Sexta-feira da Paixão e dia do Corpo de Deus.

Porém, aos habitantes do lugar o que verdadeiramente interessava era a criação de uma freguesia com todas as regalias que lhe são inerentes. E isso conseguiram, graças à compreensão do Bispo de Silves D. João de Melo, prelado muito ilustre, da família do primeiro Conde de Olivença.

Emanado da Sé de Silves, o respectivo decreto data de 19 de Junho de 1471, cuja cópia em letra do século XVII, é a reprodução fidedigna do pergaminho original, dado que se trata de uma pública forma, passada no cartório de Tavira do tabelião de notas de El-Rei, como então eram designados tais funcionários.

O original desse importante documento para esta freguesia infelizmente já não deve existir, pelo menos não

o encontramos, embora tivéssemos feito aturadas diligências.

Os moncarapachenses de então foram-se agregando em redor do templo que fizeram edificar à sua custa exclusivamente, com as suas dádivas e seus sacrifícios, o qual consagram a Santa Maria da Graça.

A devoção fervorosa dessa época, fins da Idade Média, levou muitos crentes a legar propriedades à sua Padroeira, as quais os mordomos da respectiva confraria aforavam e com cujo rendimento lhes foi possível fazer grandes transformações no templo da sua freguesia, dotando-o mais tarde, em meados do século XVI, com o monumental pórtico Renascentista de influência plateresca que, sem favor, é o mais belo do género existente no Algarve, digno de figurar nas obras que tratam da Renascença em Portugal.

Quem observar essa jóia arquitectónica não deixará de se impressionar com a riqueza dos seus baixos-relevos, que vão desde a Anunciação da Virgem — o orago do templo — às cenas da paixão de Jesus, num equilíbrio grande, à altura dos cânones do estilo em que o mesmo foi concebido e edificado.

Mas os filhos desta freguesia não cuidaram somente de arrotear os campos, missão muito importante nessas épocas, como aliás hoje e sempre, nem do aspecto espiritual, erguendo templos em louvor de Deus, da Virgem e dos Santos.

Os moncarapachenses como patriotas que sempre foram acrioladamente, deram também o seu esforço em defesa e engrandecimento da Pátria.

Todos os grandes movimentos patrióticos, diga-se em abono da verdade, encontraram sempre eco nesta freguesia, quer nos momentos altos de glória, quer nos difíceis.

Sempre que se verificavam rebates contra os mouros no Algarve, na altura sobretudo nas colheitas, lá estavam os moncarapachenses dando a sua heróica colaboração e, no dizer de Frei João de S. José, «não eram os derradeiros» a acudir.

Durante os descobrimentos alguns marinheiros desta região partem também para a aventura do mar, em demanda de novos mundos.

Vem a dominação sinistra dos Filipes e se noutras terras do Algarve sentiram bem tal afronta aos brios nacionais, Moncarapacho não o deveria ter sentido menos, a avaliar pelo acontecimento que então aqui se desenrolava cerca do ano de 1632.

Queremo-nos referir ao notável movimento de Santo Cristo, cuja história é um dos grandes motivos de orgulho de Moncarapacho.

Durante esse movimento de fé viva, daquela que «transpõe montanhas», Moncarapacho atraía gente de toda a parte às suas peregrinações e romagens a Santo Cristo, a essa minúscula imagem do Crucificado que se venera ao cimo da aldeia, numa capela, que constitui por si um autêntico museu de cerâmica artística, com os seus azulejos policromados do século XVII e, outrora, com as suas alfaia em prata e ouro, cujo inventário descobrimos nas nossas investigações, e que os franceses saquearam miseravelmente durante as lutas napoleónicas.

Pois durante essas peregrinações a Santo Cristo, as quais, repetimos, vinha gente de toda a parte, estamos convictos que a chama pela liberdade da Pátria foi bem ateadada, através das próprias preces de padres da Companhia de Jesus e de outras ordens monásticas que aqui se deslocavam.

O certo é que no célebre movimento do Manuelinho de Évora, o Algarve vibrou com ele, designadamente aqui bem próximo, em Tavira, para só nos referirmos à cidade sede de um dos dois, concelhos a que Moncarapacho na altura pertencia. E anos depois oferecia as suas dádivas a Santo Cristo de Moncarapacho um dos conjurados de 1640, D. João da Costa, Conde de Soure e ministro da guerra de El-Rei D. João IV.

Durante a luta contra os franceses, após o levantamento patriótico de Orléans, Moncarapacho dá imediatamente a sua colaboração e, são filhos seus, entre outros os Capitães das Milícias Manuel Madeira Nobre e Leonardo Palermo de Faria os primeiros a dar o seu auxílio no combate à Ponte velha de Quelfes, ao mesmo tempo que o Major João Xavier de Castanheira arregimentado mancebos para a luta e ele próprio dá em tal emergência um excelente exemplo. Tanto ele como outros moncarapachenses já tinham dado anteriormente o seu esforço nas guerras do Pacto de Família, que em Portugal foram dirigidas pelo célebre Conde de Lipe, aquele oficial alemão que o Marquês de Pombal contratou para reorganizar o nosso Exército, segundo os moldes modernos, o mesmo é dizer de acordo com a estratégia da época.

Durante as campanhas napoleónicas dizem os antigos, sempre o ouvimos referir, que muitos soldados moncarapachenses foram dar combate aos franceses para além dos Pirinéus.

Durante as campanhas de pacificação da provincia de Moçambique, no reinado de El-Rei D. Carlos I, nas quais, Caldas Xaxier, Paiva Couceiro, Galhardo, Mouzinho de Albuquerque e outros nobres e valentes militares deram o melhor do seu esforço, lá se encontram soldados moncarapachenses

CONVERSA DA SEMANA

O Curso Liceal em Tavira

Continuação da 1.ª página

Chegou até a haver um tavirense, já hoje falecido, que depositou para esse fim uma verba à ordem do município, creio até que era destinado à compra de material didático.

Nesse tempo não se falava tanto no Ensino Técnico e a cidade só tinha os olhos postos no ramo do ensino clássico.

O tempo decorreu e em boa hora, graças ao amparo concedido pelo então titular da pasta da Educação Nacional, Professor Doutor Leite Pinto, começaram a ser criadas escolas técnicas em diversas localidades.

E Tavira, que não possuía um estabelecimento de ensino secundário oficial, resolveu através do município insistir nesse sentido, pedindo a criação de uma escola técnica agrícola. Foi elemento preponderante dessa grande batalha o sr. Dr. Jorge Correia, que conseguiu atrair à cidade, o senhor Professor Leite Pinto, que recebendo as mais calorosas manifestações por parte do público, compreendeu que de facto a cidade pelas suas extraordinárias condições pedagógicas, pois já há anos que aqui funcionam cursos do C.I.S.M.I., a sua excelente localização e massa populacional escolar suficiente, resolveu criar a Escola Técnica de Tavira, que tantos benefícios tem trazido às classes menos abastadas do concelho.

Há pouco, graças às constantes instâncias do seu actual Director, sr. Dr. Gamboa Leitão, a escola foi ampliada nos seus cursos e aumentou em nível educativo e formativo, melhorando as suas instalações e dotando-a com moderno material didático, laboratorial, etc.

Uma nova vaga surgiu no âmbito da instrução do País, graças ao impulso dado pelo senhor Professor Veiga Simão, a quem o ensino nacional tanto deve e Tavira, ao fim de mais de trinta anos, vira chegada a hora de poder ter o seu liceu.

Mais uma vez coube ainda ao sr. Dr. Jorge Correia, esse pedido que tão justamente foi aceite.

Depois, com a valiosa colaboração do município e amparo dos srs. Dr. Joaquim de Magalhães, Reitor do Liceu de Faro, Eng.º Luís Filipe de Miranda Malheiro Tavira, Presidente da Câmara de Tavira, foi possível dar-lhe expressão.

E hoje — sonho-realidade, a secção liceal de Tavira, sob a inteligente direcção do sr. Dr. Francisco Manuel Pontes de Brito Lima, inicia o seu funcionamento cujos preciosos frutos o concelho a seu tempo colherá.

EGO

NECROLOGIA

Severino Dinis Porto

No passado dia 29, faleceu nesta cidade em casa de seu filho, o sr. Severino Dinis Porto, de 90 anos de idade natural de Nisa. Era viúvo da sr.ª D. Romana Vaz P. Antunes Porto, pai dos srs. Dr. Mário Dinis Porto, casado com a sr.ª D. Nidia Botinas Porto, de D. Felismina Dinis Porto, viúva, e Manuel Antunes Porto, chefe da C. P. nesta cidade, casado com a sr.ª D. Maria Cecília Arriegas Bento Porto, avó dos srs. Jorge Botinas Porto, D. Maria Adelaide Botinas Porto, D. Maria Botinas Porto, João Botinas Porto, José Porto, residente em França, José Manuel de Oliveira Porto, Manuel de Oliveira Porto e Jorge Manuel Bento Porto.

D. Hermínia do Livramento

No dia 28 de Outubro, faleceu nesta cidade, a sr.ª D. Hermínia do Livramento, de 80 anos, viúva, natural de Luz de Tavira.

A falecida era mãe do sr. Sebastião Páscoa, soldado da Guarda Fiscal.

Sebastião dos Santos

No dia 30 de Outubro, faleceu em Cabanas de Tavira, o sr. Sebastião dos Santos, de 77 anos, natural de Conceição de Tavira, soldado reformado da Guarda Fiscal.

O falecido era casado com a sr.ª D. Angelina dos Santos e era pai do sr. Sebastião dos Santos.

D. Maria Virginia Costa

No dia 29 de Outubro faleceu nesta cidade, a sr.ª D. Maria Virginia Costa de 80 anos, viúva. A falecida era mãe dos srs. Joaquim Fernandes Campina e José Francisco Campina, sogra da sr.ª D. Almerinda Lopes Campina e avó da sr.ª D. Maria Cid Campina Viegas e do sr. Dionísio Viegas.

José Oliva Padinha

Faleceu em Lisboa, no Hospital de Santa Maria, no dia 29 de Outubro, o sr. José Oliva Dinis Padinha. Deixa viúva a sr.ª D. Berta da Conceição Ramalheira Valente Padinha e era pai da sr.ª D. Lília de Fátima Valente Padinha Rosado, sogro do sr. Eng.º João Paulo Soares Rosado e avó dos meninos Luiz Manuel Padinha Rosado e Maria Teresa Padinha Rosado, estudantes. Era irmão da sr.ª D. Maria Laurinda Dinis Padinha e do sr. Amândio Firmino Dinis Padinha, cunhado da sr.ª D. Lionila Martins Padinha e dos srs. José Francisco Carrapichana Valente, casado, com a sr.ª D. Aurora de Almeida Carrapichana Valente, Eng.º Horácio Carrapichana Valente, casado com a sr.ª D. Maria Luisa Delgado Carrapichana Valente, Coronel de Engenharia Heitor Carrapichana Valente, casado com a sr.ª D. Maria Virginia Carrapichana Valente, e D. Silvina Ramalheira Valente Celestino Gomes. O funeral a cargo da Agência Alminha realizou-se na tarde do dia 31, para o cemitério de Tavira.

Francisco Xavier Palmeira

Na Luz de Tavira, donde era natural, faleceu vítima de desastre, o sr. Francisco Xavier Palmeira, de 49 anos. Deixa viúva a sr.ª D. Maria Neves Palmeira e era pai da menina Ana Luisa Evangelista Palmeira.

A sua morte foi bastante sentida tendo sido o seu funeral uma das maiores manifestações dos últimos tempos.

Paulino Lopes

No dia 22 de Outubro, faleceu nesta cidade o sr. Paulino André Lopes, de 85 anos, viúvo, natural desta cidade. O falecido era pai do sr. António Pinho.

D. Mariana Sofia de Pádua Cruz

No dia 28 de Outubro, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Mariana Sofia de Pádua Cruz, de 98 anos, solteira, natural de Faro. A falecida era tia dos srs. João de Pádua Cruz, D. Vanda Pádua Cruz Ramos Passos e D. Maria Teresa de Pádua Cruz Bento Silva.

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

A Terra é Toda Uma de Lúcio do Vouga

Sociedade de expansão Cultural

Lúcio do Vouga, em nosso modesto entender, dá mostras do seu talento nato, ao escrever este livro.

Escolheu um tema de palpitante interesse e actualidade, uma actualidade de profundas raízes na história, a partir da primeira barragem, o lago Moeris, que o absolutismo faraónico mandou abrir e, possivelmente, arrancou a terra da pátria a muitos dos seus súbditos.

O assunto foi desenvolvido e pormenorizado em boa forma, sintaxe correcta e linguagem despretençiosa, acção equilibrada com manifesta preponderância do aspecto dramático. Talvez o descritivo um tanto minucioso, peço de muitos e grandes cultores do romance português...

Na parte ideológica, o que não quer dizer que a razão esteja ao nosso lado, muito teríamos no entanto a contestar.

Trata-se, na verdade, dum tema apaixonante pela densidade específica dos problemas de ordem social e demográfica que nele vêm confluír.

Está ainda para averiguar se, no caso que expõe, podia haver expropriação legal, isto é, se o direito permite expropriar, antes inutilizar, uma região, em favor da outra.

Na reunião dos principais não há senão palavras ocas e descabidas. Já Camus, em face dum flagelo colectivo, nos mostra os grandes reunidos só para falarem sem oportunidade e é natural que assim aconteça, um pouco em face do imponderável, do irremediável Vicente é uma bela figura de epopeia, pintura de mestre, mas o padre não abre um caminho e apenas condena a violência. O homem que por sua natureza também poderia aconselhar, ao menos o recurso aos representantes políticos do povo, sai-se com o seu plano utópico de transferir os pobres serranos para o interior da Africa, onde, segundo a sua fantasia, fundaria a aldeia da União ou, a nosso ver, um segundo Port-Tarascon, lugar onde a mudança de clima que mal permite ao europeu o trabalho violento da cultura do solo, torrescia em breve a pele e os ossos dos homens criados na fria Beira Interior.

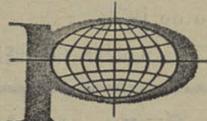
J. Cep que abordou o mesmo assunto, dá-nos mais humanidade governativa, figurando uma aldeia construída pelo Estado a pouca distância do local submersível e a nota comedora dos pobres desalojados levando até pedaços das antigas moradias para com eles recordarem os bens perdidos.

A aldeia, no fim de contas, não era submersível. Tinha, só na classe de exame, duas camionetas cheias de crianças, o que dá cerca de cem alunos entre o elemento feminino e o masculino. Seriam mais do dobro nas restantes classes o que prova que a população era numerosa.

Depois ainda estão para nascer os orientadores pedagógicos que aproveem a ida do professor por montes e vales, com um grupo de alunos, e deixando os restantes entregues a uma criança.

Diz-nos ainda o A. que o prior seguia da sacristia para o altar, adiante do Bispo. Se o Bispo fosse bispo, seria assim; mas como era sacristão, em virtude da lei da precedência, cabia-lhe ir à frente.

Estes e outros pequenos pontos de admiração que nos foram sugeridos não deslustram o brilho do romancista a quem, pelos trabalhos já publicados, profetizamos um futuro brilhante. «A terra é toda Uma» (mesmo que o clima varie) é livro que merece ser lido e... considerado pelo seu alcance social e político.



AGÊNCIA PENINSULAR

DE VIAGENS E TURISMO
FUNDADA EM 1925
DE

MANUEL ARCHANJO VIEGAS



VIA AÉREA • MARÍTIMA • TERRESTRE

- ★ PASSAGENS PARA TODOS OS PAÍSES POR VIA AÉREA
- ★ PASSAGENS DE VAPOR PARA TODOS OS PAÍSES
- ★ BILHETES DE COMBOIO PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO
- ★ CIRCUITOS EM AUTOCARROS
- ★ ALUGUER DE AUTOMÓVEIS COM, OU SEM MOTORISTA
- ★ EXCURSÕES NO PAÍS E AO ESTRANGEIRO
- ★ RESERVA DE HOTÉIS EM PORTUGAL E TODOS OS PAÍSES
- ★ SEGUROS DE PASSAGEIROS E BAGAGENS
- ★ LEGALIZAÇÃO DE DOCUMENTOS E VISTOS CONSULARES
- ★ SERVIÇO DE CARGA MARÍTIMA E AÉREA

SEMPRE A PREÇOS OFICIAIS

AGENTE OFICIAL DA



AGENTE DE TODAS AS COMPANHIAS
AÉREAS E MARÍTIMAS

R. CONSELHEIRO BIVAR, 58-TELEF. 22908-TELEG. "ARCHANJO"-FARO
FILIAL - PRAÇA DA REPÚBLICA, 24-26-TELEF. 375-LOULÉ
CÓDIGOS BENTLEY'S RIBEIRO — FARO — PORTUGAL

ses em Marracuene e Coollela pelo menos. E a excelsa e Senhora Rainha Dona Amélia, elogiando o seu esforço, entrega-lhes pessoalmente medalhas, cunhadas para galardoar os efeitos heróicos dessas campanhas, duas das quais já as tivemos nas mãos, aqui em Moncarapacho, ainda não há muitos anos.

Durante a chamada Grande Guerra de 1914-1918 e agora na defesa do nosso Ultramar, na Guiné, Angola e Moçambique lá nos aparecem também filhos desta freguesia e nossos patriotas a dar o seu esforço, alguns dos quais caídos no campo de honra e do dever, jazem hoje, como um bom exemplo à sombra dos ciprestes do cemitério da sua e nossa querida terra natal.

Mas não só estes que se distinguiram nas lutas pela Pátria são os filhos ilustres de Moncarapacho. Muitos mais tiveram aqui o seu berço no decorrer dos longos anos da sua história, pelo meaos de cinco séculos.

No campo civil e eclesiástico teve figuras de bastante relevo, entre outras, o conselheiro Dr. João José da Silva, Juiz do Supremo Tribunal de Justiça e ilustre magistrado nas nossas províncias ultramarinas e o Doutor Frei Manuel de Santa Inez, monge agostinho descalço, doutor na sagra da teologia e cultor das belas letras, que empolgava os auditórios com a sua palavra inspirada de notável orador.

Foi ele que, em 1772, pregou no acto solene da bênção da igreja de S. Francisco de Moncarapacho, em cuja freguesia passava temporadas. A par deles viveu D. Maria da Graça Pessanha, a «Senhora da Farro-beira», cuja vida foi um exemplo de amor a Deus e ao próximo, traduzido em inúmeros actos de caridade, compartilhando os seus bens com os irmãos pobres, vendo neles a própria figura de Cristo, como aliás todo o cristão os deverá considerar.

(Conclui no próximo número)

FRATERNIDADE

Partiram a lápide
Onde dorme, esquecida, a minha sombra,
Deixaram minha dor num triste anonimato...

E' sempre grato
O repouso subtil
Mesmo quando essa campa
Abriga no seu ventre
A resposta — ninguém.
E eu sou ninguém!
Ai, quanta gente morta
Vagueia pelo mundo
E quanto vivo
Mora
Num país do além!...
Aborigine sou
Duma pátria distante,
Duma pátria sem tempo;
E sinto em minha carne
As garras invisíveis
Que tornam inaudíveis
Meus gritos de verdade!
Onde estão as doutrinas
De perdão
Onde está, afinal, o Evangelho
E os ideais sublimes de Platão?
Olha o mundo em redor.
Que vês?
Traição,
Irmãos que odeiam, feramente,
Outros irmãos,
E os que em mórbida orgia
Se entorpecem
E esquecem
Tantas bocas famintas...

Estou só,
Meu alimento
E' pão
De dor,
De sangue
E sofrimento
Que com o meu semelhante saboreio
Em vera comunhão.

Setembro de 1971

LOLITA RAMIREZ (Penélope)

COMISSÃO Pró Jardim Escola João de Deus S. Bartolomeu de Messines

Reuniu-se no dia 20 de Outubro, pelas 22 horas em sessão extraordinária, Comissão-Executiva Pró Jardim Escola João de Deus, que deliberou o seguinte:

— Aceitar o pedido de demissão apresentado pelo sr. José Cabrita Matias, nos cargos que desempenhava nesta Comissão.

— Eleger para o cargo de Presidente o sr. Francisco Vargas Mogo, ficando a Comissão Executiva assim constituída:

Presidente — Francisco Vargas Mogo; 1.º Secretário — José Francisco Vizeu; 2.º Secretário — João Afonso; Tesoureiro — Joaquim Manuel Cabrita Neto; Vogais — Carlos Santinho Horta; Fernando Rosa Candeias; José Inácio Marques Martins; José Lourenço Farinha; Rogério Sequeira Ferreira; Salvador Rodrigues Mourinho.

— Nomear técnico responsável pela obra do Jardim-Escola, o Construtor Civil Diplomado sr. Eulálio Severino Leal Cabrita.

A C. P. INFORMA

Combolos Automotores Lisboa
Expresso-TER N.ºs 2001 e 2004

A partir de 1 de Novembro, e a título experimental, estes combolos passam a efectuar paragem, sempre que houver passageiros a embarcar ou a desembarcar, nas estações a seguir indicadas:

Comboio 2001:
Ponte de Sor. . . 11 59 horas
Vale do Peso. . . 12 51 >
Castelo de Vide. 12 47 >

Comboio 2004:
Castelo de Vide. 16 46 horas
Vale do Peso. . . 17 02 >
Ponte de Sor. . . 17 35 >

A partir da mesma data e também a título experimental os passageiros de serviço nacional, que só são admitidos desde que haja lugares disponíveis do serviço internacional, ficam dispensados do pagamento da taxa de marcação de lugar, da taxa especial de utilização e do suplemento de categoria A.

ALVES REDOL em Olhão

A Exposição Itinerante Alves Redol, está em Olhão.

A Vila de Olhão da Restauração é um dos centros pesqueiros mais importantes do país, tendo possuído numerosas fábricas de conservas de peixe. Hoje existem as que conseguem aguentar a forte crise que o sector atravessa e que deve conduzir a uma rápida concentração, fenómeno que se observa em outras indústrias tradicionais portuguesas, mesmo naquelas que, como esta, têm um forte peso na nossa balança comercial.

Esta evolução, que levou à necessidade de encontrar novas ocupações para a mão-de-obra assim dispensada, introduziu, conjuntamente com o turismo, alterações económicas e sociais de relevo, nesta terra cantada por José Afonso.

E' neste meio que vai estar a Exposição Itinerante Alves Redol, escritor que nos deixou dois romances sobre a vida dos pescadores do mar.

Numa outra terra de pescadores, Peniche, a Exposição foi visitada por mais de um milhão de pessoas, que assim quiseram tomar contacto com a obra de um dos maiores escritores portugueses.

A Exposição estará patente ao público de 3 a 9 de Novembro na Sociedade Recreativa Olhanense, situada na Av. da República, 14.

Intervenções cirúrgicas e tratamentos de recuperação a atletas amadores

DE acordo com a linha de orientação prevista no II Plano de Fomento-Gimnodesportivo (1971-1975), os atletas amadores podem receber tratamentos de recuperação de lesões e submeter-se a intervenções cirúrgicas, do foro médico desportivo, nos Centros de Medicina Desportiva do Sector Escolar e Universitário de Coimbra, Lisboa e do Porto, dentro das disponibilidades técnicas, humanas e materiais destes Centros.

Em princípio, serão autorizados os tratamentos e as intervenções a lesões do foro médico-desportivo adquiridas, quer em competição quer em treino, devidamente justificadas, desde que, à data do acidente, esses atletas sejam possuidores do cartão médico-desportivo, dentro do prazo da sua validade.

Pequenos Apontamentos

Cultura É vasto o campo de acção das Câmaras Municipais; o que elas não têm é meios para promover o seu desenvolvimento. Só a hospitalização dos doentes dos seus concelhos absorve grande parte dos seus orçamentos. É hoje um trabalho ingrato e árduo ter a direcção duma Câmara. Em outros tempos não eram tão prementes e solicitados os seus cuidados. Uma conhecemos nós que nem abria as suas portas e quando o secretário tinha necessidade de lá ir ia primeiro ao estabelecimento comercial do senhor presidente buscar a chave da porta da rua.

Um dos ramos de acção das Câmaras é o cultural, o menos atendido ou porque lhe não dão importância ou porque as verbas escasseiam.

Citámos aqui semanas atrás o exemplo da Câmara da cidade espanhola de Vigo criando o Club dos Reformados onde estes se juntam para se distrair. No nosso país há algumas, não muitas, que dispensam a sua atenção à cultura e recreio dos seus municípios. A frente vem a de Lisboa e nem isso é de admirar, antes era de esperar, dada a amplitude da sua projecção. Entre outros meios de satisfazer esta necessidade está o da criação e distribuição de bibliotecas. São já 435 as que tem espalhadas por toda a cidade: — Itinerantes, em jardins, sociedades de recreio e cultura, estabelecimentos de ensino, etc. E nós que nos abastecemos de uma delas verificamos com prazer que é elevado o número de leitores que lá acorrem, entre eles muitos jovens para os quais há uma secção especial, não lhes sendo permitida, e muito bem, a leitura de literatura que não possam ainda compreender. Evita-se deste modo a propagação de leituras perniciosas que por af abundam e perturbam os seus espíritos juvenis.

Na última distribuição não foram esquecidas as escolas primárias e desta maneira podem os seus alunos recrear-se e ir robustecendo os seus conhecimentos e modelando os seus sentimentos sem terem de recorrer à leitura dos quadrados em que tanto se enfonham.

Bom seria que isto servisse de exemplo a todas as Câmaras e não descurassem este ramo do seu programa, desenvolvendo-o na medida que lhes fosse possível.

União Num concelho do Alentejo conjugaram-se os esforços de entidades oficiais e particulares, com os bombeiros e reievo, para trazer diariamente às escolas da vila as crianças disseminadas pelos campos.

Sabemos como são vastas as áreas destes concelhos e como é pouco densa a sua população. Daí não haver escolas por não haver número suficiente de alunos na sua zona e a aglomeração de adultos analfabetos.

Neste quadro o concelho de Odemira, o maior do país, tinha uma percentagem analfabética de 85%, e sendo este o número da estatística oficial o número real devia excedê-lo bastante.

Na nossa escola primitiva, onde nos enraizámos e de que ainda hoje temos saudades, tivemos alunos à distância de 6, 8 e mais quilómetros. Que sacrifícios não fariam estas crianças levantando-se muito cedo, mal alimentadas durante o dia, percorrendo a pé distâncias consideráveis, sujeitas ao sol torrido, a frios gélidos e a chuvas torrenciais?

Tiveram um gesto de alta compreensão as gentes daquele concelho, melhor dizendo Borba, e deram um exemplo que devia ser seguido.

O Estado não pode acorrer a tudo e a união dos particulares pode produzir frutos proveitosos como este de que aqui tratamos.

Inflação Parece que vai haver rija luta contra a chamada inflação. Não acreditamos muito na sua eficácia dado o nosso temperamento que breve passa do ímpeto viril ao esmorecimento acomodaticio. Seria necessário também que na batida todos nos reuníssemos e auxiliássemos — o inimigo é comum.

Mas temos a certeza de que a afixação dos preços logo será deturpada apadrinhada pela-nossa complacência. Bem sabemos de que não teremos de quem nos queixar se não de nós próprios.

No tempo do íntegro e intrépido comandante Ferreira do Amaral quis ele fiscalizar o peso do pão e a policia seguia os distribuidores. Quando estes faziam a entrega e a policia surtia a fazer a verificação havia sempre da parte dos compradores uma desculpa a beneficiar os prevaricadores.

(Continua na 2.ª página)

Agradecimento

Apesar, a seu pedido, o exercício das funções recebemos do antigo director da Escola Industrial e Comercial de Faro, sr. Dr. António José de Almeida e Silva, cumprimentos de despedida e agradecimentos pela colaboração dispensada pelo nosso jornal durante o exercício das suas funções.

Agradecemos ao sr. Dr. António José de Almeida e Silva a sua gentileza formulando expressivos votos pelas suas prosperidades pessoais.

pela CIDADE

Agenda

Telefones úteis:

Hospital e Maternidade . . .	34
Bombeiros	111
Bombeiros Ambulância . . .	414
Policia	133
Guarda N. Republicana . . .	11
Câmara	7
Táxis- 81-122-143-152-171-	370
Repartição de Finanças . . .	259
Quartel do C. I. S. M. I. . . .	44
Camionagem de carga	158
Camionagem de passageiros	181
Serv. Munip. água e luz . . .	54
Posto de Trânsito da G.N.R.	70
Posto de Turismo	141
Tribunal	6
Notário	95
Estação dos C. T. T.	1e2
Escola Técnica	238
Liceu	219

Vida Religiosa

Horário das missas dominicais:

Às 8 horas — N.º Sr.ª da Ajuda
Às 9,30 horas — Santa Luzia.
Às 11 horas — Santa Maria do Castelo.
Às 12 horas — S. Francisco.
Às 18 horas — Sant'ago.
De Semana:
'As 8,30 horas — Sant'ago.
'As 9 horas — N.º Sr.ª da Ajuda.

Sábado:
Às 16,30 horas — Sant'ago.
Às 21,30 horas — N.º Sr.ª da Ajuda
(Missas para cumprimento do preceito dominical)

CINE-TEATRO

ANTÓNIO PINHEIRO

Espectáculos da semana:

Hoje, Sábado — Amor Bruxo, drama, com António Gades e A Loba Solitária, aventuras, com Daniele Gaubert, 17 anos.

Domingo — Barrabás, drama, com Anthony Quinn, 10 anos.

Terça-feira — Tempestade na Fronteira, aventuras, com Pierre Brice e O Oportunista, comédia, com Bourvil, 10 anos.

Quinta-feira — O Ouro de Mackenna, aventuras, com Gregory Peck, 10 anos.

Misericórdia de Tavira

— Serviços clínicos para o mês de NOVEMBRO de 1971:

Enfermaria e Maternidade — Drs. Jorge Correia, Ramos Passos e dr.ª D. Maria João Correia.

Consulta Externa de Clínica Geral — De 1 a 15, dr. Jorge Correia, às 18 horas; de 16 a 30, dr. Ramos Passos, às 18 horas.

(Aos Domingos e Feriados não há consultas).

Serviço de Urgência de Fim de Semana — De 6 a 8, dr. Ramos Passos; de 13 a 15, dr. Seruca Morais; de 20 a 22, dr. Morais Simão; de 27 a 29, dr. Jorge Correia.

Cirurgia Geral — Dias 6 e 20, drs. Renato Mansinho da Graça e José João Vila Lobos.

Consulta Externa às 14 horas — dr. Renato Mansinho da Graça.

Consultas Externas de Obstetricia e Ginecologia — Às sextas-feiras, às 9 horas, Dr.ª D. Maria João Correia.

Consulta Externa de Oftalmologia — Às sextas-feiras, às 11 horas, dr. Emilio Campos Coroa.

Otorrinolaringologia — Consultas nos dias 6 e 20, às 10 horas, dr. J. L. Pontes Eusébio.

Consultas Externas de Urologia — Dia 24, às 10 horas, dr. Diamantino Baltazar.

Consulta Externa de Profilaxia Mental — Dia 27, às 10 horas, dr. Manuel da Silva.

Centro de Colheitas de Sangue e Laboratório de Análises — De 1 a 30, Dr.ª D. Madalena de Matos Brás, das 9 às 12 e das 15 às 18 horas.

Consulta Dispensário do I. A. N. T. — De 1 a 15, Dr. Ramos Passos, às 18 horas. De 16 a 30, dr. Jorge Correia, às 18 horas.

Consultas para homens, às terças-feiras; para mulheres, às quintas-feiras; para crianças, às sextas-feiras.

FUTEBOL



Campeonatos Nacionais

1.ª Divisão

No passado domingo o Sporting Farense ao bater no seu reduto o Vitória de Guimarães por 1-0, alcançou-se ao 5.º lugar da classificação geral, a 4 pontos do leader. O Farense que fez uma primeira parte em boa toada, encontrou sempre pela frente uma equipa disposta a dar-lhe réplica. A vitória está certa e no dia em que a defesa e o ataque do Farense se encontrarem, contando com o excelente naipe de elementos que a equipa dispõe, será uma grande tarde para a história do futebol algarvio.

Domingo será um jogo difícil, o encontro em Alvalade com o Sporting, de que é o seu mais velho filiado.

2.ª Divisão - Zona Sul

O Portimonense foi ganhar a Sintra por 0-1 e o Olhanense foi perder a Sacavém, mercê de um penalty, pela mesma escassa bitola.

No próximo domingo, o Portimonense receberá a visita do Sacavense e o Olhanense a do Lusitano de Evora, cujos resultados auguramos de favoráveis para os algarvios.

3.ª Divisão

O Almada venceu o Faro e Benfica por 2-1; o Lusitano V. R. venceu também o U. Montemor por 2-0 e o Silves derrotou o Esperança por 2-1.

No próximo domingo jogam: Amora — Lusitano V. R.; Esperança — Estoril; Paio Pires — Silves e Faro e Benfica — Serpa.

TOTOBOLA

10.ª jornada — 14/11/71

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Famalicao — Penafiel . . .	1
2	S. P. Cova — Anadia . . .	1
3	Feirense — Vilanovense .	1
4	Lourosa — Sanjoanense .	2
5	Oliveiren. — U. Coimbra .	x
6	Riopele — Braga	1
7	Alverca — Amora	1
8	C. Piedade — Portimone .	1
9	Odivelas — Alhandra . .	1
10	Sesimbra — Tramagal . . .	1
11	Oriental — Olhanense . . .	x
12	Caldas — Seixal	1
13	Lusitano — Peniche	1

V. P.

LIVROS

R. T. P.

Novelas do Decameron

Mais um simpático volume foi lançado no mercado, o n.º 52 da Biblioteca Básica Verbo — Novelas do Decameron, de Boccaccio.

Tendo fugido de Florença — onde grassava a peste — três homens e sete mulheres, ainda jovens, refugiaram-se numa pequena corte, onde cada um deles terá de contar dez histórias, de tom irreverente ou picante, tragico ou sentimental, romanesco ou cortês. E' este o pretexto para a elaboração do Decameron, em que avulta a profunda humanidade de Boccaccio. Eis em síntese o que encerra esta pequena e interessante obra.

Trespassa-se

Residencial Imperial, em Tavira

Tratar com o proprietário.

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO
ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE - A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 323

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO